



Filosofia Clássica Alemã

Os textos desta edição abarcam uma saudável diversidade de perspectivas e autores, correspondentes ao escopo monumental da produção filosófica dos anos 1780 a 1830, que engloba o romantismo, o idealismo e outras reações à filosofia kantiana.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcus Vinicius David – Reitor
Girlene Alves da Silva – Vice-reitora

Instituto de Ciências Humanas
Robert Daibert Júnior – Diretor
Leonardo de Oliveira Carneiro – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Juarez Gomes Sofiste – Chefe de Departamento
Humberto Schubert Coelho – Coordenador do Curso
Paulo Afonso Araújo – Coordenador do PPG em Filosofia
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Aline Araújo Passos – Diretora
Raquel Bellini de Oliveira Salles – Vice-diretora
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

É:
**Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Conrado Jenevaim Braga – Secretário

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)
Boghos Levon Zekiyani (Università Ca' Foscari, Venezia)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)
Débora Mariz (UFMG)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)
Fábio Fortes (UFJF)
Germán Martínez (Fordham University, NY)
Gustavo Arja Castañon (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)
Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Luís Henrique Dreher (UFJF)
Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Wolfram Högbe (Universidade de Bonn)

Sumário

Editorial <i>Humberto Schubert Coelho</i>	1
Artigos	
Kant e a defesa da causa de Deus: algumas considerações sobre o significado do opúsculo kantiano sobre a Teodiceia <i>Bruno Cunha</i>	5
Algo sobre a influência de Rousseau na formação da filosofia moral kantiana <i>Joãosinho Beckenkamp</i>	22
Idealismo e realismo em F. H. Jacobi <i>Bárbara Assis Vianna da Silva</i>	35
Heautonomie - Schillers Begriff individueller Freiheit im Ausgang von Kant <i>Jörg Noller</i>	59
A filosofia clássica alemã e a crítica estética da modernidade de Schiller a Hegel <i>Ricardo Barbosa</i>	78
Fichte e a radicalização da revolução copernicana de Kant <i>Luciano C. Utteich</i>	94
Contribuições de Schleiermacher para a Filosofia Clássica Alemã <i>Davison Schaeffer de Oliveira</i>	130
Sinnliche Mannigfaltigkeit und Gewissheit: Zum Problem der beziehungslosen Vielheit bei Kant und Hegel <i>Martin Bunte</i>	142
O Deus “cristão” de Hegel; a estrutura das Preleções sobre Filosofia da Religião e a reação a elas. <i>Humberto Schubert Coelho</i>	175
Kant, o filósofo do protestantismo <i>Friedrich Paulsen</i> <i>Tradução para o português de Luís H. Dreher e Bárbara Assis Vianna da Silva</i>	198
Nota explicativa sobre o artigo de Friedrich Paulsen: Kant, o filósofo do protestantismo, 1900 <i>Luís H. Dreher</i>	235

Editorial

Na última semana de novembro de 2017 o programa de pós-graduação em filosofia e o centro acadêmico de filosofia promoveram o I Seminário Nacional de Filosofia Clássica Alemã da UFJF. O evento teve grande significação para a UFJF, que sempre contou com interessados, pesquisadores, grupos de estudo, dissertações e teses sobre o período que vai de Kant a Hegel ou, para alguns historiadores da filosofia e comentadores, Schopenhauer. Os participantes, de cinco diferentes estados, se engajaram em debate franco, empolgante e de alto nível técnico, o que redundou em aprendizado e ganho pessoal para muitos dos participantes.

O presente volume desta revista reúne alguns dos trabalhos apresentados no evento, além da participação especial de Jörg Noller, da Universidade de Munique, e Michael Bunte, da Universidade de Munster. Os textos abarcam uma saudável diversidade de perspectivas e autores, correspondentes ao escopo monumental da produção filosófica dos anos 1780 a 1830, que engloba o romantismo, o idealismo e outras reações à filosofia kantiana, e que, apesar da denominação possível de período “clássico” da filosofia alemã e da percepção popular de tratar-se de um movimento intelectual bastante homogêneo, inclui não apenas distinções, como contraposições significativas em relação aos conceitos básicos tratados pelos autores.

A renovação do interesse sobre a filosofia clássica alemã, seja como uma espécie de renascença, seja através de abordagens externas como a do pragmatismo de Pittsburgh, é um fenômeno

no qual a academia brasileira está satisfatoriamente inserida, não podendo ser considerada periférica ou externa à discussão internacional. O Brasil não apenas conta com uma massa crítica de pesquisadores formados na Alemanha ou de lá emigrados, seus periódicos também já não são uma opção exótica e anômala de publicação para textos de pesquisadores de prestígio da Europa ou da América do Norte, de modo que alguns dos trabalhos publicados na Alemanha saem traduzidos ao português quase simultaneamente. Com isso, a impressão de estar a reboque da discussão internacional ou de apenas a emular em nosso idioma, uma impressão dominante poucas décadas atrás, aos poucos não se justifica mais.

Seguindo vagamente uma ordem cronológica de exposição, abrimos a discussão com um trabalho de Bruno Cunha acerca do opúsculo *Sobre o fracasso de todas as tentativas filosóficas na Teodiceia*, um tema já atacado por Cunha em outros artigos e em seu livro *A gênese da ética de Kant*, lançado durante o evento na UFJF. Agora, apresenta-nos a análise deste texto tardio de Kant à luz de sua teoria sobre a importância da Teodiceia na transição do período pré-crítico ao período crítico da filosofia kantiana.

Ainda debruçados sobre Kant, veremos como Joãozinho Beckenkamp trabalhara a influência de Rousseau, especialmente do *Emílio*, sobre a busca kantiana por uma fundamentação moral. Nesse resgate de um Kant leitor de Rousseau, Beckenkamp destaca a preocupação do último em fazer justiça ao primeiro através de uma “leitura correta”.

Com Bárbara Vianna veremos como a recepção de David Hume por parte de F. H. Jacobi influenciará a compreensão deste sobre a tensão específica entre o idealismo e o realismo

filosóficos de seu tempo, redundando na disputa sobre o panteísmo.

Jörg Noller apresenta texto sobre a expansão efetuada por F. Schiller do conceito de autonomia moral kantiana, o que implica na reorganização da dinâmica entre lei moral e os móveis da ação com vistas a uma compatibilização entre a visão transcendental e uma perspectiva mais natural dos estímulos sensíveis à ação.

Continuamos com Schiller na abordagem conjuntural de Ricardo Barbosa sobre a evolução do conceito de estética, muito disputado na filosofia clássica alemã, até sua culminância em Hegel.

Nosso sexto artigo, de Luciano Utteich, estuda como a radicalização da revolução copernicana proposta pela filosofia de Kant permitirá a Fichte fundamentar a ideia de que uma autoatividade do 'Eu' constitui o processo necessário e suficiente para a subsequente produção do saber em geral.

O trabalho de Davison Schaefer sobre o caráter filosófico da obra de Schleiermacher nos fará acompanhar a exegese e reconstrução histórica do valor especificamente filosófico da *Dialética*, aqui tomado como exemplo central da atitude filosófica do autor. Essa exposição também nos guia, por meio da contextualização erudita de Schleiermacher no quadro geral do pensamento alemão, para longe das reduções da obra do autor ao âmbito da teologia.

Na sequência, o texto de Michael Bunte contrapõe as deduções das categorias na *Crítica da razão pura* de Kant e na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, mostrando que o contraste deriva das diferentes noções de conceito e intuição dos autores.

Bunte propõe também uma forma moderna de solução para o impasse.

O nono texto, de minha autoria, aponta o problema da situação do conceito hegeliano de Deus nas Preleções sobre filosofia da religião dentro do quadro maior da doutrina cristã, bem como reações a ele por parte de I. Fichte e outros autores descontentes com a ausência de elementos cristãos fundamentais no pensamento de Hegel.

Luís Dreher e Bárbara Vianna, finalmente, nos oferecem uma tradução crítica do artigo de Friedrich Paulsen: *Kant, o filósofo do Protestantismo*. Segue-se uma nota explicativa de autoria de Luís Dreher sobre o artigo de Paulsen e sua relevância – o que também implica na relevância de Kant e da filosofia – para o contexto da teologia atual.

Boa leitura!

Humberto Schubert Coelho